

**Eixo Temático: Estratégia e Internacionalização de Empresas**

**FATORES CULTURAIS E COMPORTAMENTO RESILIENTE: UM ESTUDO COM  
UNIVERSITÁRIOS DA FRONTEIRA BRASIL URUGUAI**

**CULTURAL FACTORS AND BEHAVIOR RESILIENT: A STUDY WITH  
UNIVERSITARIAN STUDENTS FROM BRAZIL URUGUAY FRONTIER**

Luise Bittencourt Peres e Laura Alves Scherer

**RESUMO**

Um dos campi da Universidade Federal do Pampa está localizado no município de Santana do Livramento, Brasil, que faz fronteira com o município de Rivera, Uruguai. Esta peculiaridade permite à Universidade realizar um processo seletivo específico para uruguaios, denominados fronteiriços, que ao ingressarem neste ambiente acadêmico multicultural se deparam com situações diferentes do que estavam habituados em seu país de origem. Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é analisar o comportamento resiliente de estudantes fronteiriços neste campus da Universidade. A pesquisa é classificada em qualitativa e exploratória, sendo a coleta de dados realizada por um roteiro de entrevista semiestruturado com doze fronteiriços, e a análise dos dados feita pela análise de conteúdo, com a inferência de categorias. Como resultados, salienta-se que a maioria dos alunos fronteiriços consegue lidar positivamente com as adversidades oriundas das diferenças culturais, e somente um aluno ainda demonstrava ter dificuldades neste ambiente acadêmico. Além disso, o relacionamento dos professores com os alunos tornou-se o fator de proteção mais importante dentro da universidade para que os fronteiriços continuem seus estudos no Brasil.

**Palavras-chave:** resiliência, comportamento resiliente, fronteira, alunos, universidade.

**ABSTRACT**

One of the campuses of the Federal University of Pampa is located in the municipality of Santana do Livramento, Brazil, which borders the municipality of Rivera, Uruguay. This peculiarity allows the University to perform a specific selection process for Uruguayans, called border, which when entering this multicultural academic environment are faced with different situations they were used to in their home country. In this context, the objective of this study is to analyze the resilient behavior of border students on this campus of the University. The research is classified as qualitative, exploratory, and data collection performed by a semistructured interview guide with twelve border, and the data analysis done by content analysis, with the inference categories. As a result, it is noted that most border students can positively deal with the adversities arising from cultural differences, and only one student showed still have difficulties in this academic environment. In addition, teachers' interaction with students has become the most important protective factor in the university for the border continue their studies in Brazil.

**Keywords:** resilience, frontier, students, university.

## INTRODUÇÃO

O sul do Brasil faz fronteira diretamente com o Uruguai e a interação entre os países é bastante ativa já que as pessoas podem circular livremente entre os dois países sem grande burocracia. Para que o relacionamento entre os países fosse mais acentuado, em 2004 foi promulgado o Decreto nº 5.105 que celebra o acordo para permissão de residência, estudo e trabalho a nacionais fronteiriços brasileiros e uruguaios e por meio dele torna-se possível a residência, o trabalho e o estudo de moradores das cidades fronteiriças nos dois países.

A Universidade Federal do Pampa tem um dos seus campi localizado no município de Santana do Livramento no Brasil, que faz fronteira seca com o município de Rivera no Uruguai. Esta peculiaridade, impulsionada pelo referido decreto, permite à Universidade realizar um processo seletivo específico para estudantes fronteiriços. Criado em 2011, este processo concede a permissão para que uruguaios residentes em cidades fronteiriças possam concorrer a uma vaga em alguns dos cursos oferecidos pela Unipampa.

Ao ingressarem no ambiente acadêmico, os alunos iniciam uma nova etapa repleta de descobertas que inclui do conhecimento científico a novas formas de ver e viver o mundo. Para os fronteiriços esse processo ocorre em um ambiente diferente do seu país de origem, em que os fatores culturais por si só já se configuram como novas descobertas. O processo de adaptação a este cenário ocorre de forma diferente para cada indivíduo, sendo que as atividades acadêmicas e os fatores culturais que diferem entre os países, dependendo da forma como são encarados, podem se configurar como adversidades enfrentadas pelos fronteiriços durante o período acadêmico.

Frente a isso, os alunos fronteiriços podem vir a desenvolver comportamentos que influenciem no desenvolvimento da resiliência, que é a característica que certo indivíduo possui de passar por situações de estresse, superá-las e fazer disto algo positivo para sua trajetória pessoal ou profissional. Desta forma, o objetivo proposto pela presente pesquisa é analisar o comportamento resiliente de estudantes fronteiriços da Universidade Federal do Pampa – campus Santana do Livramento.

Evidencia-se que, a busca pela compreensão do comportamento resiliente do aluno fronteiriço, oriundo das situações de estresse vivenciadas no ambiente acadêmico, justifica-se pela possibilidade de contribuição para minimizar os efeitos dessas situações e, conseqüentemente, para auxiliar os setores de atendimento acadêmico da Universidade a criar condições, elaborar e por em prática, estratégias de ajustamento desses alunos, buscando contribuir para o bem-estar e para a formação acadêmica de qualidade.

Outro fato relevante trata-se da característica da Unipampa ser uma universidade que visa a internacionalização como uma estratégia essencial para o desenvolvimento e reconhecimento como uma universidade de excelência em âmbito nacional e internacional. Tal aspiração necessita de subsídios como dados referentes aos seus alunos fronteiriços uruguaios para a efetivação de políticas institucionais, para o cumprimento deste objetivo e para a perspectiva de implantação de cursos binacionais.

A seguir, apresentam-se os conceitos que serviram como base para o desenvolvimento da pesquisa, a Resiliência e Estudantes Fronteiriços na Unipampa. Logo após, tem-se a Metodologia, a Análise dos Resultados e as Considerações Finais.

## 2 RESILIÊNCIA

A perspectiva histórica da palavra resiliência vem do verbo em latim *resilire* – saltar para trás, voltar ao estado natural (PINHEIRO, 2004). Segundo Yunes (2003), a resiliência é um conceito mais amplo dentro da psicologia positiva, trata-se de uma visão mais aberta dos potenciais e das capacidades humanas. Esta visão foi adaptada para as Ciências Sociais Aplicadas, significando a capacidade que indivíduos, grupos e organizações possuem de superar crises e adversidades.

Vargas (2012) afirma que a resiliência é uma construção baseada nas experiências vividas ao longo da vida do indivíduo e da trajetória humana. Benetti e Crepaldi (2012) também afirmam que a resiliência é um conjunto de fenômenos que se constroem ao longo da vida nos contextos cultural, afetivo e social. Sendo assim um processo que pode ser construído e reconstruído de forma coletiva, transformando o ambiente e seus componentes em coautores do processo resiliente. No estudo de Eley et al. (2013), a resiliência é influenciada pela combinação dos traços de personalidade e o meio ambiente não podendo ser considerada isoladamente, mas sim como uma interação entre eles que pode melhorar ou prejudicar o processo resiliente.

Entretanto a resiliência está ligada a capacidade de aprender, a viver com o medo e a incerteza transformando-os em estratégias positivas apesar das adversidades e de experiências difíceis e desafiadoras. Assim, a resiliência transforma um elemento negativo em algo positivo permitindo a prosperidade (MEICHENBAUM, 2005).

O fenômeno da resiliência é observado em situações estressantes e mudanças significativas de vida, capazes de suscitar perturbações no equilíbrio psicossocial do indivíduo. Antes mesmo de ocorrerem essas situações, quando há desafio exagerado, ameaça ou risco premente incomum, é possível perceber a resiliência operando sobre as maneiras de enfrentar essas situações (SABBAG et al., 2010).

Santos e Kato (2014, p. 13), afirmam que a resiliência possui uma dimensão distinta, “uma vez que, mesmo sendo flexível, uma pessoa pode ter uma tendência extremamente voraz de retornar ao seu estado anterior”. Esta capacidade do indivíduo de retornar a um estado anterior, não significa voltar a ser exatamente o que era antes da adversidade, já que sempre haverá mudança, seja ela positiva ou negativa (SANTOS; KATO, 2014).

Conforme Assis (2006), a resiliência está apoiada sob dois pilares: a da adversidade ou risco, que é representada pelos eventos desfavoráveis da vida; e a da proteção, que é indicada pela compreensão das formas de apoio, tanto internas, como externas ao indivíduo, que o transportam a uma reconstrução particular diante do sofrimento causado por uma adversidade.

Em relação ao risco e sua associação com a resiliência, o indivíduo terá duas respostas: de vulnerabilidade e de resiliência. Para ser um indivíduo resiliente é necessário que ele tenha sido de fato acometido pelo risco e não somente ultrapassá-lo, mas utilizar de estratégias positivas para enfrentá-lo (PERIM, 2011).

Há diferentes atitudes frente a situações estressantes, todas são forma de resiliência. Um indivíduo pode proteger-se, pode lutar ou enfrentar (*coping*) a situação, pode mesmo adaptar-se a ela, como também pode explorar a situação transformando-a em crescimento pessoal (SABBAG et al., 2010).

Barlach (2005) e Benetti e Crepaldi (2012) enfatizam que para que o processo de resiliência se desenvolva é preciso que o mesmo esteja atrelado à presença de alguma adversidade na qual tem de ser identificada e analisada a percepção do indivíduo e o contexto na qual estão inseridos, no intuito de se encontrar neutralizadores que atenuem os efeitos nocivos da adversidade e construam o processo resiliente.

Dessa maneira, a forma como a adversidade é compreendida pode ser determinante na forma como a mesma é resolvida, e não necessariamente se lida com um problema da mesma forma todas as vezes que ele ocorre (ANTUNES, 2011).

Em algumas situações complicadas, um risco mal gerido pode converter-se em crise, ocasião em que todos têm suas emoções negativas exacerbadas, podendo sofrer perda de controle, ampliando o nível de estresse caso falte resiliência (SABBAG et al., 2010). Contudo, para Barlach (2005), o indivíduo que se confronta com a adversidade é, sim, afetado pelo estresse e fica sujeito às forças desintegradoras que ameaçam sua sobrevivência física ou psíquica, mas é capaz de sair fortalecido. Meichenbaum (2005) no seu estudo sobre a resiliência em crianças e adultos, também afirma que o sujeito resiliente que se confronta com

alguma adversidade pode ficar angustiado, mas ele é capaz de gerenciar o comportamento negativo e transformá-lo em algo positivo sem ficar debilitado.

De acordo com Barlach (2005), quando o indivíduo se depara com alguma situação ameaçadora ele realiza algumas avaliações, a avaliação primária e a secundária. A primeira diz respeito ao risco potencial ao bem-estar, enquanto a segunda concerne às suas opções e possibilidades de *coping* diante da situação. O recurso de *coping* pode ser também entendido como um fator de proteção a ser mobilizado diante da adversidade. A avaliação primária qualifica as situações estressoras em termos de benefícios, danos ou perdas, ameaças e desafios, enquanto a segunda avaliação as categoriza segundo a expectativa de eficácia, de resultados, de estímulos e de resposta.

Os fatores protetores, definidos por Rutter (1985), manifestam seus efeitos frente a algum evento estressor, modificando a resposta do sujeito positivamente. São influências que modificam, melhoram ou alteram a resposta de uma pessoa a algum risco ambiental que predispõe a uma consequência não adaptativa.

Os estudos e pesquisa sobre a resiliência humana buscam compreender por que, diante de condições adversas, alguns indivíduos se desenvolvem satisfatoriamente, sobrepujando-se aos limites da condição humana, enquanto outros sucumbem, desenvolvendo patologias ou se vitimizam (BARLACH, 2005).

Constata-se a complexidade do processo de resiliência, que depende de várias questões como predisposição genética a quadro depressivo, traços de personalidade. Além disso, as condições familiares e sociais são de extrema importância no processo de resiliência, por promoverem um fator de proteção que pode ajudar a diminuir a vulnerabilidade dos sujeitos ao sofrimento (CANGUSSU; SACHUK, 2009). Percebe-se isso na pesquisa de Bacchi e Pinheiro (2011), que o sexo feminino possui maior índice de resiliência, pode-se explicar esse resultado por as mulheres possuírem maior aptidão interpessoal e possuírem maior energia interna.

Segundo Minello (2010), quando há a presença de estímulos sociais positivos, como acesso a suporte emocional, familiar ou de pessoas próximas o comportamento resiliente se torna bastante positivo fazendo com que o indivíduo tenha condições de buscar e ampliar sua capacidade de adaptação e de recuperação. Contudo, se o indivíduo tiver ausência desses estímulos sociais positivos, ou seja, não possuir suporte emocional familiar ou de pessoas próximas percebe-se a presença de um comportamento resiliente negativo.

Percebe-se que a resiliência está atrelada a várias situações de riscos e adversidades. Uma situação na qual ela pode ser desenvolvida é no âmbito das Universidades, por possuir um ambiente diferente do habitual e por dispor de diversas culturas englobando o país na qual está fixada e também influências de outros países. Na visão de Stallivieri, Pilotto e Gonçalves (2015), as diferenças culturais são percebidas pelas pessoas que convivem em outros países, seja com o intuito de estudar, trabalhar ou morar, mesmo que de forma diferente a cultura interfere na adaptação do indivíduo. Isto ocorre porque o estrangeiro que decide exercer atividades em outro país traz consigo suas próprias referências culturais que englobam hábitos, forma de se relacionar, costumes, valores e idioma.

### **3 ESTUDANTES FRONTEIRIÇOS NA UNIPAMPA**

Fronteiriços são pessoas que vivem em uma cidade localizada na zona da fronteira e constantemente transitam para a cidade do país vizinho para fins de trabalho, estudo ou distintas atividades (LOPES FERNANDES, 2014).

Para facilitar esse relacionamento, o Brasil promulgou no ano de 2004 o Decreto nº 5.105 que celebra o acordo para permissão de residência, estudo e trabalhos a nacionais fronteiriços brasileiros e uruguaios, tendo como objetivo conceder permissão para residência,

exercício de trabalho, ofício ou profissão com obrigações e direitos previdenciários e frequência a estabelecimentos de ensino público ou privado (BRASIL, 2004).

O acordo acentuou as relações nas regiões fronteiriças, pois como confirma Martins (2002) em cidades fronteiriças vários são os tipos de trocas, tanto no âmbito cultural, social, esportivo e também político.

O quadro 1 a seguir, realizado por Aveiro (2006), ilustra a relação de vinculação das localidades fronteiriças entre Brasil e Uruguai:

**Quadro 1: Interações fronteiriças**

Cidade	População *	Tipologia de Interação Fronteiriça	Limite	Cidade Gêmea	População
Chuí	6564 habitantes	Sinapse	Fronteira Seca – Apenas uma Avenida separa as duas soberanias – Av. Internacional	Chuy	10401 habitantes
Jaguarão	58855 habitantes	Sinapse	Ponte Barão de Mauá **	Rio Branco	13456 habitantes
Aceguá ***	5538 habitantes	Capilar	Fronteira Seca – apenas uma rua separa as cidades	Acegua	4578 habitantes
Santana do Livramento	97488 habitantes	Sinapse	Fronteira Seca – o marco demarcatório é a Praça Internacional com obelisco na linha divisória	Rivera	63326 habitantes
Quaraí	25044 habitantes	Sinapse	Ponte Internacional da Concórdia	Artigas	41687 habitantes
Barra do Quaraí	4578	Sinapse	Ponte Internacional ****	Bella Unión	13187 habitantes

\*Os dados populacionais foram consultados no site do IBGE, nas páginas de cada município e também no site do governo do Rio Grande do Sul.

\*\* A Ponte Barão de Mauá foi o cenário para a entrega simbólica das primeiras carteiras do cidadão fronteiriço aos 14 de abril de 2004.

\*\*\* O município de Aceguá foi criado em 1996, sendo implantado somente em 2001, até então, até então, Aceguá fazia parte da jurisdição de Bagé.

\*\*\*\* Aqui observa-se um fenômeno muito particular, a existência de uma fronteira “trigêmea”. Barra do Quaraí (Brasil), Bella Unión (Uruguai) e Monte Caseros (Argentina) criam um ponto de conurbação entre três países.

**Fonte:** Aveiro (2006).

É importante salientar que a aproximação das cidades fronteiriças não deixa de considerar as diferenças culturais das localidades, pois de acordo com Martins (2002) cada cidade desenvolveu uma cultura particular, tendo como um dos elementos constitutivos a língua. Esse linguajar “fronteiriço” vai se revelar como uma mescla dos dois idiomas, mas que, curiosamente, é identificado como português ou espanhol conforme o falante tenha, respectivamente, uma ou outra dessas línguas como nativa.

Dentre as localidades fronteiriças contempladas pelo Acordo, a região fronteiriça de Santana do Livramento e Rivera, é o foco deste estudo. Nesta região é possível perceber o quão conectadas as cidades se encontram culturalmente e geograficamente. Diariamente, brasileiros e uruguaios misturam-se nas calçadas, nos estabelecimentos comerciais e nas empresas de ambas as cidades (MARTINS, 2002).

Nesse sentido, se reconhece que pelo histórico de amizade entre a Nação brasileira e uruguaia (BRASIL, 2004), a integração que ocorre entre as cidades ultrapassa os parâmetros geográficos, pois fica evidente o relacionamento entre as populações.

Uma das formas que ocorre esse relacionamento é a oportunidade de educação superior que universidades brasileiras oferecem na região e é aberta aos fronteiriços. A



Universidade Federal do Pampa, cuja fundação é marcada pela responsabilidade de contribuir, integrar e desenvolver a região de fronteira do Brasil com o Uruguai e a Argentina, desde 2011 vêm oferecendo oportunidades diferenciadas de ingresso para estudantes uruguaios fronteiriços (UNIPAMPA, 2011).

Esta oportunidade vem ao encontro de um dos objetivos da instituição que é criar as condições acadêmicas adequadas para atrair estudantes em nível de graduação e pós-graduação de todas as partes do mundo, com atenção aos países da América do Sul, e em particular aos países fronteiriços, Argentina e Uruguai, com os quais poderiam ser implantados cursos binacionais (UNIPAMPA, 2013).

Através da Figura 1 é possível visualizar as cidades em que a Unipampa está inserida e verificar sua localização na região da fronteira:

**Figura 1: Cidades contempladas pela Unipampa**



**Fonte:** Unipampa (2015).

O processo seletivo para fronteiriços é específico aos residentes nas cidades de Rio Branco e Rivera, no Uruguai, vizinhas das cidades de Jaguarão e Santana do Livramento, respectivamente (UNIPAMPA, 2011). Os alunos uruguaios aprovados no processo seletivo ingressam em um dos cursos da Unipampa em uma turma de alunos em que sua maioria são brasileiros, ministrados por professores brasileiros.

Nesse sentido, embora haja uma aproximação geográfica e cultural entre os países, pode haver algumas diferenças que devem ser consideradas pela instituição. Tema este que é objeto de investigação desta pesquisa: conhecer as principais dificuldades dos alunos fronteiriços na universidade, como a comunicação, relações com colegas, procedimentos formais na Universidade que contribuiriam para uma gestão mais eficiente. Dessa forma, a troca de experiências e cultura tanto dos servidores e alunos com os alunos uruguaios enriqueceria a vivência pessoal e profissional de ambos os lados.

#### **4 METODOLOGIA**

O presente estudo apresenta como objetivo analisar o comportamento resiliente dos alunos fronteiriços da Universidade Federal do Pampa – Santana do Livramento. Com isso, propõe-se realizar uma pesquisa com abordagem qualitativa e característica exploratória na qual a coleta de dados foi feita por meio de um roteiro de entrevistas semiestruturadas elaborado com base no referencial teórico e no objetivo da pesquisa.

Na visão de Denzin (2006), o pesquisador qualitativo ressalta a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação. E a pesquisa exploratória, para Gil

(2012), é utilizada quando há pouca exploração do tema a ser estudado, já que ela tem como finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e pressupostos a partir da criação de problemas mais precisos para futuras pesquisas. A pesquisa foi classificada como exploratória por não possuir nenhum estudo referente a resiliência dos alunos fronteiriços da Universidade Federal do Pampa e como qualitativa, por buscar aprofundar o tema em questão.

Para contemplar o objetivo deste trabalho o método de pesquisa utilizado é o estudo de caso na Unipampa – Santana do Livramento, campus composto por cursos da área de ciências sociais aplicadas, são eles: Administração, Ciências Econômicas, Direito, Gestão Pública e Relações Internacionais. Para Fachin (2006) este método é caracterizado por ser um estudo intensivo e leva-se em consideração, principalmente, a compreensão, como um todo, do assunto investigado.

Até o 1ª semestre de 2015 o número total de alunos fronteiriços aprovados no processo seletivo realizado pela Unipampa em Santana do Livramento foi de 14 alunos, porém, um desses alunos possui a situação de abandono da Universidade e outro realizou o trancamento completo da sua matrícula, totalizando 12 alunos aptos a participar da pesquisa. Estes dados juntamente com o e-mail dos alunos foram fornecidos pela Secretaria Acadêmica da Universidade.

A primeira parte da pesquisa diz respeito à caracterização do aluno fronteiriço, para isso os alunos foram contatados por e-mail para responder um questionário que abordou nove questões referentes ao perfil dos fronteiriços. Os 12 alunos entraram em contato e retornaram a pesquisa e estes compõem a unidade de análise da primeira parte, ou seja, do perfil dos alunos fronteiriços da Universidade Federal do Pampa – Santana do Livramento.

Logo após, foi realizada a continuação da pesquisa que se configura pela segunda parte, sendo composta da entrevista semiestruturada por dois blocos: cultura e resiliência. Nesta parte foi enviado um e-mail para todos os alunos que responderam o questionário da caracterização com o convite para participar da entrevista. Dentre todos, sete alunos responderam e estes formam a unidade de análise que serviu como base para a realização da análise de conteúdo.

Bardin (2011) afirma que a primeira etapa da análise de conteúdo é a pré-análise, ou seja, a transcrição de entrevista e realização de uma leitura flutuante das mesmas. Logo, passa-se para a exploração do material onde é realizada a classificação de um conjunto de material e cria-se um título que diga respeito a suas características em comum, formando as categorias.

Existem duas especificações de categorias, a priori e a posteriori. No presente estudo foi utilizada a categoria de análise a posteriori, onde é necessário criar categorias de acordo com as respostas dos entrevistados e posteriormente realizar uma interpretação levando em conta teorias (BARDIN, 2011).

Foram determinadas duas categorias – Fatores Culturais e Comportamento Resiliente - que se classificam em subcategorias - Fatores de risco e Fatores de proteção, respectivamente. Cada categoria apresenta temas que são discutidos no decorrer da análise. O quadro 2, demonstra este raciocínio, que será desenvolvido na análise dos resultados.

**Quadro 2:** Categorias de análise estabelecidas

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	TEMAS
Fatores Culturais	Fatores de risco	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Idioma;</li> <li>• Cultura;</li> <li>• Falta de informação sobre o sistema educacional brasileiro.</li> </ul>
Comportamento Resiliente	Fatores de proteção	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relacionamento com o professor;</li> <li>• Estrutura da universidade.</li> <li>• Proximidade com a família e de casa</li> </ul>

**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Visto a metodologia da presente pesquisa, a seguir serão apresentados os resultados.

## 5 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção são apresentados os resultados da presente pesquisa, começa-se pela caracterização da unidade de análise e logo após, passa-se para as categorias definidas a posteriori, são elas: fatores culturais e comportamento resiliente.

### 5.1 Caracterização dos Alunos Fronteiriços

No quadro a seguir é possível visualizar as características dos alunos fronteiriços da Universidade Federal do Pampa – Campus Santana do Livramento.

**Quadro 3:** Perfil dos alunos fronteiriços da Unipampa – Santana do Livramento

Fronteiriço	Idade	Gênero	Cidade de residência	Nacionalidade	Curso	Ano de ingresso
E1	28	Feminino	Rivera	Uruguaia	Administração	2013
E2	22	Feminino	Rivera	Uruguaia	Relações Internacionais	2015
E3	28	Feminino	Rivera	Uruguaia	Administração	2014
E4	25	Masculino	Rivera	Uruguaio	Ciências econômicas	2015
E5	38	Masculino	Rivera	Uruguaio	Administração	2013
E6	21	Feminino	Rivera	Uruguaia	Administração	2015
E7	25	Masculino	Rivera	Uruguaio	Administração	2015
E8	20	Masculino	Rivera	Doble chapa	Relações Internacionais	2015
E9	20	Feminino	Santana do Livramento	Uruguaia	Administração	2013
E10	20	Masculino	Santana do Livramento	Uruguaio	Administração	2015
E11	26	Feminino	Rivera	Uruguaia	Ciências Econômicas	2015
E12	30	Feminino	Rivera	Uruguaio	Administração	2012

**Fonte:** Elaborado pelos autores com base na pesquisa.

A partir do quadro, percebe-se que somente um aluno é Doble Chapa, ou seja, possui ambas as nacionalidades, uruguaia e brasileira. Os demais alunos fronteiriços possuem somente a nacionalidade uruguaia e a maioria possui residência em Rivera.

O processo seletivo para alunos fronteiriços na Universidade Federal do Pampa teve início no ano de 2011, porém é o ano de 2015 que se destaca pelo maior número de alunos ingressantes na Universidade através dele. Com isso, compreende-se que o conhecimento sobre o processo seletivo está a cada ano mais abrangente e possui uma boa aceitação da comunidade fronteiriça.

O campus Santana de Livramento da Unipampa possui atualmente cinco cursos de graduação. O curso com mais procura entre os fronteiriços é a Administração, com seis alunos. Ademais, os cursos de Ciências Econômicas e Relações Internacionais, possuem dois alunos cada. O curso de Gestão Pública e o de Direito não apresentam aluno fronteiriço matriculado.

Pode-se perceber que os fronteiriços matriculados nos cursos ofertados pela Unipampa são jovens com idade média de 25 anos. Em relação ao gênero, a quantidade de mulheres se equivale a de homens.

### 5.2 Categorias

Este tópico apresenta as categorias que foram identificadas a posteriori. Os trechos das falas dos entrevistados transcritos em espanhol ou portunhol foram traduzidos para serem apresentadas neste trabalho em português, para facilitar a compreensão e análise dos resultados.



## FATORES CULTURAIS

Esta categoria aborda sobre os Fatores Culturais, percebidos nesta pesquisa como Fatores de Risco para os fronteiriços no ambiente da Universidade. Os fatores de risco que se destacaram nas falas dos alunos foram: idioma, cultura e falta de informação sobre o sistema educacional brasileiro.

O **idioma** foi bastante citado como uma dificuldade por praticamente todos os entrevistados, visto que no Uruguai a língua utilizada é o espanhol e no Brasil o português.

A cidade de Santana do Livramento mesmo sendo uma cidade fronteiriça, na qual se pode afirmar que possui o convívio diário com ambos os idiomas, português e espanhol, não quer dizer que seus habitantes falem ambos os idiomas como percebemos na fala do entrevistado E2: *“eu era acostumada com o espanhol e com muita pouca influência do Brasil apesar de eu ser fronteiriça, eu tinha muita pouca influência”*.

O entrevistado E5 também comentou sobre a dificuldade com o idioma, porém ele afirma que o contato com o português sempre foi frequente: *“eu me criei ouvindo os dois idiomas como o espanhol e português, entendo perfeitamente. Só às vezes tenho problema na escrita com s, ss, ç, essas coisas.”*

Os trechos acima possuem duas visões sobre o idioma, E2 afirma que nunca teve um contato direto com o português mesmo morando na fronteira, já o E5 sempre conviveu com o idioma e mesmo assim possui a dificuldade na ortografia portuguesa.

Percebe-se que o idioma pode se tornar uma adversidade para esses alunos, sendo assim um fator para o desenvolvimento do processo de resiliência. Barlach (2005) e Benetti (2012) afirmam que para o desenvolvimento da resiliência é necessário a presença de alguma adversidade que deve ser identificada e analisada no contexto na qual está inserida e pela percepção do indivíduo.

Já o entrevistado E1, que possui a língua portuguesa fluente afirma que encontra várias dificuldades como a tradução, que realiza de forma simultânea e mental, que acaba levando a exaustão:

Eu continuo tendo a dificuldade que todo mundo dizia que depois de um tempo você começa a pensar no idioma e não pensar no espanhol e depois traduzir, já começaria a pensar em português. Isso ainda não aconteceu comigo, faltam dois semestres pra eu me formar e eu continuo pensando em Uruguai e traduzindo para o português (E1).

O entrevistado E4 conclui que as dificuldades enfrentadas por ele são as mesmas enfrentadas por todos os outros fronteiriços, que é a compreensão de livros técnicos, já que é necessário traduzir o texto inteiro, não somente palavras únicas, para que a tradução seja concluída com sucesso.

Quando questionados sobre possíveis críticas feitas a eles por serem fronteiriços, o E1 disse que *“crítica não, de repente eu falo alguma coisa errada e todo mundo dá risada, mas eu acho que não é na maldade até porque é o jeito de cada um, de repente outro uruguaio ficaria bravo, mas eu dou risada”*. Essa reação do E1 pode-se ter relação com o conceito de Meichenbaum (2005) sobre o sujeito resiliente, que quando ele se confronta com alguma adversidade pode ficar angustiado, mas é capaz de gerenciar o comportamento negativo e transformá-lo em algo positivo sem ficar debilitado.

O E5 também falou sobre as brincadeiras realizadas com ele por conta de algumas palavras ditas erradas, ele disse que *“algumas brincadeiras sim, com certos colegas, pelo idioma, como eu falo tipo a palavra projeto que eu não sei falar”*.

Perim (2011) afirma que um indivíduo para ser considerado resiliente é necessário que ele tenha vivido o risco, ultrapassá-lo utilizando estratégias positivas. Pode-se dizer que foi o que aconteceu com o entrevistado E4, que mesmo possuindo dificuldades no idioma, ele se

dedicou aos estudos para enfrentá-las, *“eu estava trabalhando e aí parei porque queria dedicar mais tempo para estudar. Como estudo em um país estrangeiro sei que tenho que dar um pouco mais de tempo de estudo e como tenho a oportunidade essa é uma maneira”*.

Assim como no idioma, a cultura, por mais proximidade entre as duas cidades, possui diferenças já que são dois países distintos. Percebe-se isso quando o E7 afirma que *“há algumas diferenças claro, no Uruguai tu fala o mesmo idioma, tu tem a mesma cultura, então o entrosamento é muito diferente né”*.

Visto isto, ocorreram também algumas barreiras culturais impostas para os alunos fronteiriços. Na entrevista as perguntas relacionadas à cultura abordaram o modo de ensino de um país e outro, suas diferenças e o relacionamento com colegas e professores.

O entrevistado E2 quando perguntado sobre a educação no Brasil respondeu que o país possui muita capacidade para melhorar em alguns aspectos a educação, *“por exemplo, outro dia fiquei sabendo sobre a constituição que vão começar a dar nos colégios, e isso é normal no Uruguai e vocês vão implementar isso agora”*.

Quando perguntado sobre o ensino no Uruguai, o E1 respondeu que, *“eu acho que a gente tem uma base um pouco mais forte na questão de educação, ao menos eu que fiz faculdade em Montevideu e estou fazendo aqui, eu notei que em Montevideu era muito mais difícil que aqui”*.

Outro aluno entrevistado também possui a mesma visão dos entrevistados acima, além de comentar sobre o relacionamento com o professor:

É bastante exigente o estudo lá, até um pouco mais do que aqui eu acho. Lá é o professor que dita as normas digamos. Eu vejo que aqui muitas vezes o professor deixa que o aluno faça algumas outras coisas que não é permitido digamos, mas lá existe um pouco mais de respeito ao professor do que aqui, que eu acho que não vi tanto respeito ao professor (E5).

Quando questionado sobre a facilidade que o E3 encontra em estudar no Brasil ele afirmou que *“o ensino não deixa de ser efetivado por causa disso, eu acho que aqui deixa mais por conta do aluno, se tu estás interessado na aula, tu vai procurar materiais e vai atrás do conteúdo para no outro dia saber o que tá acontecendo na aula”*. Percebe-se no E3 uma das formas citadas por Sabbag et al. (2010), que é a exploração da situação para transformá-la em crescimento pessoal. O autor afirma que o indivíduo pode se proteger de situações estressantes, lutar ou enfrentar, pode se adaptar a elas, além de também poder utilizá-las como estratégia de crescimento pessoal. Todas essas formas constituem a formação da resiliência (SABBAG et al., 2010).

Compreende-se, por meio das falas do entrevistado E6, que o desenvolvimento da resiliência para ele é um pouco difícil. Um dos exemplos para confirmar isso, é que ele foi o único a afirmar que possuía diferenças no relacionamento com os colegas, destaca-se em uma frase, *“pode ser que eles gostem de alguma coisa, que gostem de sair em tal lugar e eu já não gosto de sair, então fica muito difícil também, não é fácil”*.

Ele também diz que mesmo que não falem nada que se associe ao preconceito por ser um aluno fronteiriço, percebe algumas ações dos colegas como um exemplo que citou quando convidou uma colega para fazer um trabalho e ela se recusou justificando que iria fazer com uma colega da sua cidade de residência por ser mais fácil. O E6 conclui que *“até uma apresentação também que fica mais difícil de falar aí eu acho que também as pessoas fazem assim, eu não gosto”*.

De acordo com Sabbag et al. (2010), para algumas pessoas o estresse nessas situações é inevitável e algo não resolvido pode gerar uma crise, emoções negativas muito fortes e perda do autocontrole. Foi o que ocorreu com o entrevistado E6 quando, somente ele, afirmou que já pensou em desistir do curso por estar em uma universidade brasileira devido a dificuldades com algumas disciplinas, entre elas, produção textual.

Visto o **fator de risco cultura**, percebe-se que grande parte dos alunos entrevistados possuem algumas dificuldades, porém não são muito diferentes dos demais alunos da Universidade. Somente o aluno E6 demonstrou certa dificuldade no desenvolvimento da resiliência quando abordado o fator cultura.

Para Stallivieri, Pilotto e Gonçalves (2015), os estudantes internacionais se adaptam a cultura local facilmente já que não se excluem da comunidade acadêmica, porém há a presença de alguns aspectos negativos referente à cultura como a dificuldade de se expressar e se comportar, no entanto, estas dificuldades não influenciam negativamente na adaptação do aluno no país.

Quando discutida as dificuldades encontradas ao cursar na Unipampa alguns dos alunos fronteiriços relataram problemas burocráticos e também a **falta de conhecimento sobre o sistema educacional brasileiro**.

Um desses alunos foi o E2, ele disse que, *“deve ter uma preparação mais, digamos profunda, porque eu, por exemplo, como estrangeira não tinha conhecimento sobre como funcionava a Unipampa”*. Quando questionado se era necessário existir uma preparação para os alunos fronteiriços, esse mesmo aluno concordou dizendo que sim e voltou a reforçar que por mais que ele viva na fronteira não significa que saiba algo, afirmando que há muitos uruguaios que desconhecem totalmente o sistema brasileiro, ele ainda deu como exemplo um amigo que segundo ele não se adaptou por conta dessas questões e abandonou a universidade.

O aluno E5 também fez um relato semelhante, falando que não compreendia o funcionamento do sistema educacional do Brasil e as formas de ingresso em uma universidade brasileira, ele diz: *“essas coisas eu não entendo muito, mas ninguém nunca me explicou e eu sou tratado como um aluno, um brasileiro a mais dentro da universidade”*.

Além do desconhecimento já relatado, dois alunos tiveram problemas na secretaria acadêmica do campus. O problema do aluno E6 foi que ele não estava na lista de chamada dos professores e isso se deu através de um equívoco da secretaria acadêmica já que esse aluno antes de iniciar as aulas teria feito o pedido para trocar o turno da noite pela manhã, pedido esse recusado, porém quando as aulas iniciaram e seu nome não constava na chamada ele foi averiguar e constava que o mesmo tinha abandonado o curso no turno da manhã. Para este aluno o problema causado o afetou diretamente: *“a situação de tu estar na aula ali e dizer ah não tu não é daqui, então é chato, foi muito chato, fiquei bem mal”*.

A forma como a adversidade é compreendida, para Antunes (2011), pode determinar a forma como ela é resolvida, mas nem sempre se lida com um problema da mesma forma todas as vezes que ele aparece. Percebe-se isso quando o outro aluno, o E2, que também passou pelo mesmo problema que o relatado acima, também afirma que sofreu problema com a sua matrícula, ou melhor, a falta dela. Ele disse que os alunos fronteiriços foram deixados para o final e isso fez com que ele passasse por alguns estresses entre os professores que cobravam dele a matrícula, ele relata que: *“não souberam me orientar nesse momento”*.

Sendo assim, Bello (2011) entende que cada pessoa pode vir a ter uma postura diferente diante dos desafios, de acordo com a sua fase de vida, a percepção das dificuldades se dá de uma forma diferenciada de acordo com cada pessoa. Ela também pode ser influenciada pelo ambiente, pela família e também por aspectos genéticos.

A seguir, passa-se para a próxima categoria definida: comportamento resiliente.

## COMPORTAMENTO RESILIENTE

Esta categoria aborda sobre o Comportamento Resiliente, que foi impulsionado pelos Fatores de Proteção presentes no contexto dos alunos fronteiriços da Universidade Federal do Pampa. Os fatores que se destacaram nas falas dos alunos foram o relacionamento com o professor, a estrutura da universidade e a proximidade com a família e de casa.

Para Balarch (2005) a resiliência pode ser compreendida, mais que uma resposta a um estressor passageiro ou momentâneo, e sim através de um recurso de  *coping*  que pode ser também entendido como um fator de proteção a ser mobilizado diante da adversidade.

Sendo assim, um fator de proteção bastante citado entre os alunos foi o **relacionamento com os professores** da Unipampa, sendo um diferencial frente às universidades uruguaias. De acordo com o E7, os professores no Brasil são mais aplicados, possuem certa preocupação com os alunos, fazendo com que eles consigam captar mais o conhecimento e possuem vontade de dar aula.

A dedicação dos professores também foi ressaltada pelo E4, *“eles se interessam pelo o que eu percebi, porque é uma maneira deles praticarem o espanhol, porque a maioria dos professores, por exemplo, são de outras cidades, então eles se forçam também para aprenderem outro idioma, por sorte”*.

Ainda sobre o idioma, o E2 também afirma que os professores incentivam a troca entre o português e o espanhol, *“até mesmo um professor quis que eu desse uma aula, apresentação, em espanhol, então é um incentivo”*.

Seguindo o mesmo raciocínio, o E1 também relata que os professores brasileiros são mais esforçados e tem como objetivo principal fazer com que os alunos prestem atenção na aula através de demonstrações de exemplos práticos. Para ele, *“os uruguaios são mais sérios e não estão tão preocupados com que o aluno siga a aula, o conteúdo”*.

O papel desempenhado pelo professor é fundamental no contexto da resiliência, já que de acordo com Paula (2014) o aluno resiliente possui uma aprendizagem diferenciada a partir dos conhecimentos pré-construídos levando a novos saberes e práticas. Desta forma, o professor é essencial para o aprendizado utilizando práticas para que o aluno resiliente se valorize e fortaleça sua autoestima.

É importante ressaltar também que além do professor possuir maior ligação com os alunos, o sistema brasileiro educacional também é um forte motivo positivo para os alunos fronteiriços, percebe-se isso na fala do E5:

Lá no Uruguai tu és tratado como estudante e aqui o professor brasileiro te trata mais como pessoa, acho que isso é positivo. Lá tu também és um número, eu fiz nutrição por alguns anos no Uruguai e na minha geração éramos 1200 pessoas no mesmo curso, esse número era dividido em dois turnos de 600 pessoas em um salão enorme (E5).

Além da relação mais afetiva dos professores com os alunos, a **estrutura da universidade** também foi bastante citada pelos alunos fronteiriços como motivo de fator de proteção. De acordo com E7 a universidade contém muitos elementos que as universidades do Uruguai não possuem, como a biblioteca aberta, sala de informática ao acesso de todos os alunos. Para ele: *“são detalhes, mas que tu percebe que não tem no Uruguai como, por exemplo, uma sala limpa, com mesas e cadeiras em ótimo estado, tem até ar condicionado, paredes pintadas, isso no Uruguai não tem”* (E7).

Percebe-se que os fatores de proteção desenvolvidos pelos alunos podem servir como a base para a continuidade dos estudos na Unipampa, já que muitas vezes os fatores positivos são destacados. Desta forma, Rutter (1985) afirma que os mecanismos de proteção se manifestam juntamente com algum evento estressor modificando a resposta do indivíduo positivamente através de influências que modificam, melhoram e até mesmo alteram a resposta da pessoa frente algum risco que predispõe a uma consequência não adaptativa.

Quando questionados sobre as motivações para estudarem em uma universidade federal brasileira, a maioria relatou que o essencial é a **possibilidade de continuarem vivendo em Rivera**, sem precisar se deslocar até a capital uruguaia para cursar um ensino

superior. O fronteiroço E7 ainda diz que outros motivos seriam o ensino federal que é bem conceituado no Brasil.

O aluno E4 também afirma que a parte positiva é não precisar sair da sua cidade, *“não tenho que fazer tanto gasto como se tu for para capital em Montevideú, creio que para mim economicamente é um ponto a favor, além de meus amigos e minha família estarem aqui”*.

É considerável salientar que a ajuda da família e de amigos é relevante para que os mecanismos de proteção serem ativados, percebe-se isso na fala do E4 acima e também quando o E6 afirma que o incentivo para ele estudar na Unipampa é não sair da cidade de origem, ficando perto da família e também porque sua mãe não queria que ela se mudasse de cidade tão cedo. Cabe ressaltar que Minello (2010), também diz que quando há a presença de estímulos sociais positivos, como acesso a suporte emocional, familiar ou de pessoas próximas o comportamento resiliente se torna bastante positivo fazendo com que o indivíduo tenha condições de buscar e ampliar sua capacidade de adaptação e de recuperação.

Para Cangusso e Sachuk (2009) as condições familiares também são de extrema importância no processo de resiliência, por promoverem um fator de proteção que pode ajudar a diminuir a vulnerabilidade dos sujeitos ao sofrimento.

Já para o E7 o fato de estudar no Brasil já é uma grande motivação, *“eu sempre gostei do Brasil e é uma das coisas que mais me motivam a estudar aqui, na Unipampa eu gosto do método de ensino dos professores, mas também gosto do jeito que o pessoal trabalha aqui, eu me sinto muito a vontade, eu entro na Unipampa e me sinto em casa”*.

É importante evidenciar também que o aluno fronteiroço E2 que cursa Relações Internacionais acredita que é uma vantagem estar em uma universidade do Brasil, *“como internacionalista eu acho que essa interação entre dois países, estar aprendendo sobre as relações internacionais e vivendo a relação internacional, isso é uma aprendizagem super positiva”*.

Porém, segundo o aluno E7, apesar de possuir algumas diferenças elas são muito sutis por estarem localizados em uma zona fronteiroça, *“às vezes tu pensa que por ser uruguaio vão te tratar diferente, mas não, também eu acho que é porque é fronteiro, se eu fosse estudar em Porto Alegre ou algo assim aí eu acho que vai complicar um pouco mais, mas aqui é quase a mesma cidade, então não tem muito problema”*.

O estudo da resiliência em acadêmicos é interessante já que, como afirma Pinto et al. (2014), os desafios acadêmicos vivenciados pelos alunos não são fáceis visto a subjetividade que norteia a percepção e o confronto das dificuldades. O comportamento dos acadêmicos frente aos desafios vivenciados na universidade irá depender de aspectos de caráter pessoal e também da realidade social que o cerca.

É possível verificar que todos os alunos fronteiroços possuem fatores de proteção que fazem com que a estadia deles na universidade brasileira seja menos impactante e desenvolvendo, assim, um comportamento resiliente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa de analisar o comportamento resiliente dos alunos fronteiroços da Universidade Federal do Pampa – Santana do Livramento foi alcançado. Percebe-se que dentre os alunos entrevistados a maioria desenvolveu um comportamento resiliente positivo demonstrado através dos fatores de proteção. Somente um aluno demonstrou ainda estar com dificuldades, afirmando que já pensou em desistir da Universidade por ela ser brasileira e não conseguir se adaptar no relacionamento com os colegas.

O **idioma** foi identificado como um dos principais fatores citados pelos alunos fronteiroços. Para alguns ele não se tornou um fator de risco por possuírem residência na fronteiro e, por isso, ambos os idiomas espanhol e português são reconhecidos e falados. No



entanto para outros alunos, por mais que eles estejam inseridos neste contexto não se pode afirmar que todas as pessoas saibam ambas as línguas.

Percebe-se também que a **cultura** interfere no comportamento dos alunos, grande parte dos fronteiriços afirmam que a diferença de relacionamentos e do ensino entre um país e outro ocorrem, porém as dificuldades dos alunos não são muito diferentes dos demais alunos.

Além disso, o desconhecimento sobre o **funcionamento do sistema educacional** brasileiro foi bastante citado, o que permite afirmar que grande parte dos alunos entrevistados possuem algumas dificuldades, porém não muito diferentes dos demais alunos brasileiros da Universidade, não caracterizando, então, uma adversidade exclusiva dos fronteiriços.

Por outro lado, percebe-se que os fatores de proteção desenvolvidos pelos alunos podem servir como a base para a continuidade dos estudos na Unipampa, já que muitas vezes os fatores positivos são destacados. Como principal fator de proteção pode-se atribuir o **relacionamento dos alunos com os professores**. Enquanto no Uruguai a relação professor-aluno é limitada, na Unipampa os professores são vistos como comprometidos com o ensino e com o bem-estar dos alunos.

Atribui-se a **estrutura da Universidade** como outro fator de proteção, já que no Brasil há biblioteca a disposição dos alunos, salas em boas condições e as aulas são com no máximo 50 alunos, diferente do que ocorre no Uruguai onde pode-se chegar a possuir 400 alunos somente em uma sala.

Por fim, a **proximidade de casa**, juntamente com a economia realizada através dos estudos na fronteira se tornam uns dos principais motivos dos estudos no Brasil.

Considera-se que esta pesquisa atingiu o seu objetivo, porém pode-se caracterizar como limitação do estudo a análise realizada somente na visão dos alunos fronteiriços e em um campus da Universidade. Sendo assim, finaliza-se esta pesquisa com a proposta de realização de estudos futuros sobre o mesmo tema na Universidade Federal do Pampa da cidade de Jaguarão, que também faz fronteira com o Uruguai, e analisar a perspectiva da Universidade através dos professores, técnicos e colegas dos fronteiriços para uma visão mais ampla deste escopo.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Marta de Deus Pires. **Factores de risco e de protecção associados à resiliência**: estudo comparativo entre adolescentes que vivem com a família e adolescentes acolhidos em lar de infância e juventude. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2011.

ASSIS, Simone Gonçalves de (Coord.). **Superação de dificuldades na infância e adolescência**: conversando com profissionais de saúde sobre resiliência e promoção da saúde. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ENSP/CLAVES/CNPq, 2006.

AVEIRO, Thais Mere Marques. **Relações Brasil-Uruguai**: A Nova Agenda para a Cooperação e o Desenvolvimento Fronteiriço. 2006. Dissertação (Mestrado em Rel. Internacionais) Universidade de Brasília. Instituto de Rel. Internac., Brasília, 2006.

BACCHI, Gino Augusto; PINHEIRO, Daniel Rodriguez de Carvalho. Entre o *Tripalium* e a Resiliência: Um Estudo Sobre a Correlação Entre o Assédio Moral no Trabalho e a Resiliência. In: III ENCONTRO DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÕES DE TRABALHO. **Anais...** João Pessoa: ENGPR, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARLACH, Lisete. **O que é resiliência humana? uma contribuição para a construção do conceito**. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

BELLO, Luciane. O processo de resiliência em estudantes cotistas negros da UFRGS. In: XI Colóquio Internacional Sobre Gestão Universitária na América do Sul. **Anais...** Florianópolis: IGLU, 2011.

BENETTI, Idonézia Collodel; CREPALDI, Maria Aparecida. Resiliência revistada: uma abordagem reflexiva para principiantes no assunto. **Revista Electrónica de Investigación y Docencia (REID)**. n. 7, p. 7-30, 2012. Disponível em: <<http://revistaselectronicas.ujaen.es/index.php/reid/article/view/1086>>. Acesso em: 21 ago. 2015.

BRASIL. **Decreto nº 5.105**, de 14 de junho de 2004. Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Oriental do Uruguai para permissão de Residência, Estudo e Trabalho a Nacionais Fronteiriços Brasileiros e Uruguaios, Brasília, 14 jun. 2004. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5105.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5105.htm)> Acesso em: 05 set. 2015.

CANGUSSU, Ewerton Taveira; SACHUK, Maria Iolanda. Compreendendo a Resiliência em Ambientes de Trabalho: Experiências Vividas por Empresários Egressos do Banco do Brasil. In: II ENCONTRO DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÕES DE TRABALHO. **Anais...** Curitiba: ENGPR, 2009.

DENZIN, Norman K. - **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2ª Edição. São Paulo: Artmed, 2006.

ELEY, Diann S. et al. **The relationship between resilience and personality traits in doctors: implications for enhancing well being**. PeerJ: 2013.

FACHIN, Odília, **Fundamentos da Metodologia**. São Paulo: Saraiva, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª Edição. São Paulo: Atlas, 2010.

LOPES FERNANDES, G. A. A. **Direito à cidadania: um estudo sobre os imigrantes bolivianos em São Paulo e Buenos Aires e as principais leis migratórias do Brasil e da Argentina**. 222f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Integração da América Latina). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MARTINS, Maria Helena. **Fronteiras culturais: Brasil - Uruguai – Argentina**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MEICHENBAUM, Donald. **Understanding resilience in children and adults: implications for prevention and interventions**, 2005.

MINELLO, Italo Fernando. **Resiliência e insucesso empresarial: um estudo exploratório sobre o comportamento resiliente e os estilos de enfrentamento do empreendedor em situações de insucesso empresarial, especificamente em casos de descontinuidade do negócio**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Economia, Contabilidade e Administração. 321f. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

PERIM, Paulo Castelar. **Resiliência e prática desportiva. Um estudo realizado com adolescentes brasileiros**. Dissertação (Doutorado) – Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2011.

PINHEIRO, Debora Patricia Nemer. A resiliência em discussão. **Psicologia em Estudo**, v. 9, n. 1, p. 67-75. Maringá, 2004.

PINTO, Francisco Roberto et al. Resiliência em Discentes de Administração, por Idade, Religiosidade e Gênero. **Revista da Faculdade de Administração e Economia**. São Paulo, v.5, n.2, p. 141-162, 2016.

RUTTER, Michael. Resilience in the face of adversity: protective factors and resistance to psychiatric disorder. **British Journal of Psychiatry**, London, v. 147, p. 598-611, 1985.

SABBAG, Paulo Yazigi et al. Validação de Escala para Mensurar Resiliência por Meio da Teoria de Resposta ao Item (TRI). In: XXXIV ENCONTRO DA ANPAD. **Anais...** Rio de Janeiro: EnANPAD, 2010.

SANTOS, Christiane Bischof dos; KATO, Heitor Takashi. Ambiente e resiliência organizacional: possíveis relações sob a perspectiva das capacidades dinâmicas. **Desafio Online**. Campo Grande, v.2, n.1, jan/abr. 2014. Disponível em: <<http://www.desafioonline.com.br/publicações>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

STALLIVIERI, Luciane; PILOTTO, Daísa Ziglioli; GONÇALVES, Roberto Birch. Análise da adaptação cultural de estudantes internacionais sob o ponto de vista das teorias da curva “u” e da curva “w”. **Revista Gestão Universitária na América Latina – GUAL**. Florianópolis, v. 8, n. 3, p. 26-47, set. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA **Plano de Desenvolvimento Institucional 2014 -2018**. Bagé: UNIPAMPA, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA. **Universidade**, 2015. Disponível em: <<http://unipampa.edu.br/portal/universidade>> Acesso em: 08 jun. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA. **Uruguaios fronteiriços e indígenas aldeados têm oportunidade de ingresso específico na UNIPAMPA**. 21 de out., 2011. Disponível em: <<http://unipampa.edu.br/portal/noticias/2096-uruguaios-fronteiricos-e-indigenas-aldeados-tem-oportunidade-de-ingresso-especifico-na-unipampa>> Acesso em: 05 jun. 2015.

VARGAS, Gabriele de. **O percurso de resiliência da mulher vítima de violência conjugal**. 71 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Setor Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

YUNES, M. A. M. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. **Psicologia em Estudo**, Maringá, Edição especial, v. 8, p. 75-84. 2003.